

Categorias:

- Comunicação
- Comunicação não verbal
- Respeito e Valores Pessoais

Objetivos:

Exercitar a percepção e memória visual, observar detalhes, descontrair.

Nº de Participantes:

no mínimo 6 participantes

Material:

Não necessita material

Desenrolar:

Esta dinâmica que não precisa ser realizada com todos os participantes, sendo satisfatória (e até mesmo desejável) mesmo se aplicada em parte do grupo, onde os demais participantes apenas observariam. Se necessário pode-se inverter os papéis ao final: quem observou participa e vice-versa.

O facilitador solicita alguns voluntários (de 8 a 10 pessoas), pedindo que fiquem em duplas, de frente para o outro.

Orienta-se que os participantes de cada dupla, durante alguns segundos, observem-se minuciosamente um ao outro. O facilitador pede então que, nas duplas, fiquem de costas um para o outro. Enquanto estão de costas cada um deverá alterar alguma coisa em si (objeto, cabelo, roupa, etc.).

Feita a alteração voltam a ficar de frente um para o outro e o facilitador pergunta, por dupla, o que cada um percebe de mudança no outro.

Finaliza-se com a leitura do texto "Ver Vendo", fazendo algumas reflexões

acerca da loucura do dia-a-dia, onde não nos percebemos e muito menos percebemos a riqueza dos detalhes nas coisas e pessoas que nos cercam.

VER VENDO

Otto Lara Rezende

"De tanto ver, a gente banaliza o olhar - vê... não vendo.

Experimente ver, pela primeira vez, o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil mas não é: o que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa retina é como um vazio.

Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.

Se alguém lhe perguntar o que você vê no caminho, você não sabe. De tanto ver, você banaliza o olhar.

Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o porteiro. Dava-lhe bom dia e, às vezes, lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro faleceu. Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima idéia.

Em 32 anos nunca conseguiu vê-lo. Para ser notado, o porteiro teve que morrer.

Se, um dia, em seu lugar estivesse uma girafa cumprindo o rito, pode ser, também, que ninguém desse por sua ausência.

O hábito suja os olhos e baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver: gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.

Uma criança vê o que o adulto não. Tem olhos atentos e limpos para o espetáculo do mundo. O poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de tão visto, ninguém vê. Há pai que raramente vê o próprio filho. Marido que nunca viu a própria mulher.

Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos.

...É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença."